

5

Teoria da Mente (ToM)

5.1

Tarefas de crença falsa

Wimmer & Perner (1983) foram responsáveis pela criação da tarefa de crença falsa, na qual existem dados que permitem inferir que o protagonista de uma história contata a uma criança tem uma crença diferente da realidade que se apresenta. Os autores apresentaram a história de Maxi e o chocolate. A narrativa se desenvolve da seguinte forma no parágrafo a seguir.

No início da história Maxi está ajudando sua mãe a guardar as compras. Ele coloca o chocolate dentro do armário verde. Maxi lembra, exatamente, onde colocou o chocolate, portanto, ele pode voltar mais tarde e pegar um pouco. Em seguida, ele vai ao pátio. Na sua ausência, a mãe precisa do chocolate. Ela vai ao armário verde e pega o chocolate e depois usa uma parte em um bolo que está fazendo. Conseqüentemente, a mãe coloca o chocolate, não dentro do armário verde, mas dentro do azul. Ela sai para comprar ovos, e Maxi regressa do pátio, com fome. Nesse momento, o pesquisador faz o seguinte questionamento: "- Onde Maxi procurará pelo chocolate?"

Espera-se que a criança que participou da tarefa indique onde Maxi procurará o chocolate, quanto voltar à cozinha. A partir dessa tarefa proposta por Wimmer e Perner (1983), uma série de pesquisadores tentaram replicar os resultados mostrados no teste. Alguns autores, por exemplo, modificaram alguns aspectos da tarefa, facilitando a apresentação da tarefa, aplicando-a a grupos sociais ou culturais diferentes, aplicando-a a crianças autistas ou com Síndrome de Down.

Em seu experimento, Wimmer e Perner (1983) examinaram 36 crianças de várias instituições de jardim de infância na Áustria. A idade que as crianças participantes tinham era de três a nove anos. A história era representada em maquetes e com bonecos como personagens, as crianças observavam como um dos protagonistas colocava um objeto num lugar específico. Em seguida, os

sujeitos assistiam à mudança do objeto que estava no lugar específico para outro na ausência do protagonista. O argumento era de que as crianças deveriam supor que o protagonista ainda acreditava que o objeto estava no primeiro lugar específico. Dessa forma, elas deveriam indicar onde o protagonista procuraria o objeto no seu retorno. Os autores separaram as crianças em grupos de três a quatro, quatro a seis e seis a nove anos.

A hipótese desse estudo é de que entender crenças falsas de outra pessoa, neste caso o protagonista, demanda uma representação explícita do erro, isto é, da crença falsa do protagonista em relação ao conhecimento da criança testada (Jou & Sperb, 1999). De acordo com os resultados, nenhuma criança de três anos acertou a resposta, porém 57% das crianças de quatro a seis e 86% das crianças de seis a nove anos mostraram o lugar correto do objeto. Wimmer e Perner (1983) sugeriram que a habilidade de representar a relação entre os estados epistêmicos de dois ou mais indivíduos surge por volta dos quatro a seis anos. Logo, nota-se que o valor que se tem em representar crenças falsas de outras pessoas está no uso dessa representação para interpretar ou antecipar a ação de outro sujeito.

Logo após esses indícios vários estudos demonstraram que a maioria das crianças de três anos de idade não obteve sucesso em tarefas de crenças falsas. Entretanto, segundo Moses e Flavell (1990), tais resultados poderiam estar subestimando a capacidade da criança nessa faixa. Os autores realizaram dois experimentos com o intuito de investigar se crianças de três anos teriam melhor desempenho e se a tarefa enfatizasse mais o fator crença e proporcionasse uma situação na qual a criança pudesse interpretar a crença em função de seus efeitos, isto é, pela ação e reação do protagonista. Os dados resultados não sustentaram, entretanto, suas hipóteses, pois mesmo quando se destacou o fator crença falsa, a maioria das crianças não atribuiu crenças falsas aos protagonistas. Apesar disso, os autores consideram que podem existir motivos que determinariam a falha das crianças pequenas nessas tarefas de crenças falsas. Entre eles, estariam as dificuldades originadas pelas demandas lingüísticas da tarefa.

No Brasil, destaca-se o estudo realizado por Dias (1993). A autora considera que o insucesso nas tarefas de crença falsa não é decorrente de uma mudança conceitual ou de uma primazia dos desejos sobre as crenças ou mesmo de implicações lingüísticas. Dias tem como objetivo observar as implicações das condições sócio-econômicas na habilidade das crianças para compreenderem os

estados mentais dos outros. Com esse propósito, a autora analisa crianças brasileiras de orfanatos, crianças de nível sócio-econômico baixo, e médio. Ainda que os resultados desse estudo sugiram ser as condições sociais experienciadas, por parte, da criança um fator a ser levado em conta quando se considera o desenvolvimento da ToM, um estudo mais recente da autora demonstra que, adequando mais a linguagem à capacidade das crianças de orfanato, o desempenho dessas é melhorado (Dias, Soares & Sá, 1994).

No presente estudo utiliza-se o teste clássico de tarefa de crença falsa de mudança de local introduzido por Wimmer e Perner (1983), tal modelo se tornou padrão na pesquisa desenvolvimental e será apresentado no item material de testagem 5.3.2.

5.2

Metodologia

5.2.1

Participantes

Participaram inicialmente deste experimento 30 crianças, sendo 14 meninas e 5 meninos sem queixas de aprendizagem; e 7 meninos e 4 meninas com queixas de aprendizagem. Foram somadas posteriormente mais 4 crianças com queixas de aprendizagem, com vistas a ampliar a amostra em função dos resultados do teste de ToM. A idade média do grupo de crianças sem queixas de aprendizagem é de 5 anos, 9 meses ($M = 67,10$ meses, $sd = 5,59$; e a idade média de crianças com queixas de aprendizagem é de 6-7 anos ($M = 68,25$ meses, $sd = 6,20$). Todas as crianças que participaram do teste se mostraram à vontade e entenderam como a tarefa deveria ser conduzida.

De acordo como o que foi apresentado no capítulo 3, buscou-se caracterizar um padrão de desenvolvimento normal com um grupo de crianças de 6-7 anos, falantes de português (PB), de baixa renda, com pais/responsáveis com educação predominantemente fundamental. As crianças selecionadas a partir do diagnóstico dos professores e psicopedagogos apresentaram interesse pela tarefa. Todas cursavam o ensino fundamental, educação infantil, na rede de ensino da

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, situado na periferia de Brasília, na cidade satélite de Samambaia, DF.

Todas as crianças sem queixas de aprendizagem faziam parte da etapa I do BIA, e estudavam a cerca um ano no estabelecimento de ensino, CAIC – Ayrton Senna, Samambaia, Distrito Federal. Das crianças com queixas de aprendizagem 7 estudavam na escola do grupo controle e 4, na escola classe 41, em Taguatinga Norte, cidade satélite da periferia de Brasília, Distrito Federal. Deve-se ressaltar que nas duas instituições de ensino as crianças seguiram o padrão de desenvolvimento apresentado anteriormente.

A proposta de aplicação do teste em crianças da ToM foi indicar em que medida crianças com e sem queixas de aprendizagem teriam a capacidade de levar em consideração os próprios estados mentais, como também os das outras pessoas, com finalidade de compreender e predizer o comportamento, com vistas a considerar o que outras pessoas pensam e fazem, como habilidade necessária em quase todas as situações sociais. Enfatiza-se, contudo, que o teste aqui aplicado é um piloto de estudo mais amplo a ser conduzido e pretende apenas verificar se há elementos que justifiquem que se venha explorar a idéia de que o desenvolvimento da ToM pode estar comprometido em um quadro de dificuldades de aprendizagem.

5.2.2

O material de testagem

O material utilizado no experimento consistiu de cinco pranchas de 30 cm por 50 cm com desenhos elaborados para apresentar a história às crianças com e sem queixas de aprendizagem.

5.2.3

Procedimento

O procedimento foi realizado na própria escola em que as crianças freqüentam, no mês de setembro e outubro de 2007. A aplicação foi individual, sendo realizada numa sala isolada. O procedimento contemplou a utilização de uma situação-problema, adaptada a partir da tarefa de Wimmer e Perner (1983),

da qual foi elaborada uma forma de questionamento tradicional. Foi utilizada apenas uma sessão para aplicação da tarefa de crença falsa da ToM. O tempo médio da sessão foi de aproximadamente 10 minutos, sendo que primeiramente a criança era apresentada a primeira prancheta do teste, e em seguida era questionada se queria ou não participar da atividade. Todas as crianças apresentaram interesse pela tarefa. As expressões lingüísticas utilizadas foram aplicadas com coesão e clareza.

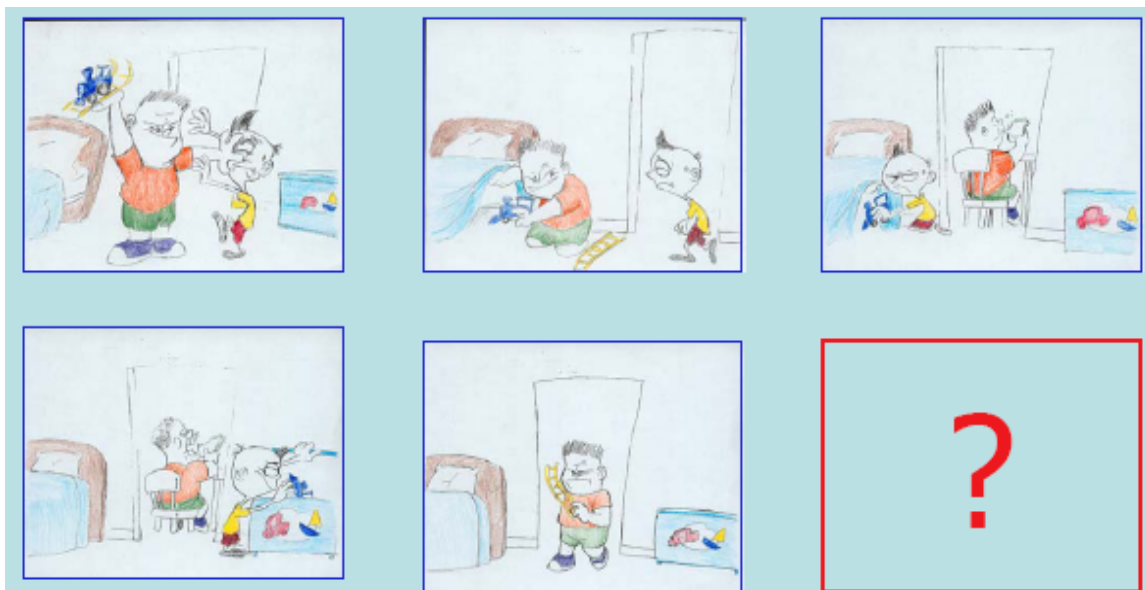
A tarefa foi aplicada individualmente por um experimentador sendo que cada criança foi avaliada apenas em uma condição. Inicialmente o experimentador convidou a criança para participar do experimento, informando que iria apresentar uma historinha à criança, e se ela gostaria de ouvi-la, pois no final o experimentador iria fazer uma pergunta. Informou ainda que não havia resposta certa ou errada, e que a criança deveria responder o que considerasse correto.

Foram adotadas cinco pranchetas nas quais a história foi narrada. Antes de apresentar a história o experimentador falava para a criança que iria contar uma história sobre dois garotos – João e Pedro – só então a história era narrada. Logo após a criança concordar com o experimentador que gostaria de ouvir e ver a história inicia-se a narração.

A situação-problema, seguida do questionamento, era então apresentada à criança, de maneira narrada e apresentada pela pranchas de desenhos, conforme descrita a seguir:

João e Pedro são amigos e estão juntos no mesmo quarto. João tem um trenzinho só que não deixa Pedro pegá-lo, apesar de Pedro tentar. João pega o trenzinho e coloca embaixo de sua cama, enquanto isso Pedro apenas observa o que João faz. Depois disso, João sai do quarto e vai à cozinha fazer um lanche. Pedro continua no quarto e pega o trenzinho que está embaixo do colchão da cama de João. Observe que João não está vendo que Pedro pegou seu trenzinho, pois ele está de costas para o quarto, lanchando na cozinha. Pedro, então, nesse momento, pega o trenzinho de João e o coloca dentro de um baú que está no outro lado do quarto. Quando João voltar ao quarto aonde ele vai procurar por seu trenzinho?

Observe as pranchas logo abaixo.



5.3

Resultados

5.3.1

Análise das Respostas à Questão sobre Crença Falsa

O resultado de um teste t ($df\ 28$) = 2,3 $p = .03$ (duas caudas) foi significativo (cf. Gráfico 42). A média de acerto em crianças sem queixas de aprendizagem foi 0.89; e a média de acerto em crianças com queixas de aprendizagem foi 0.6. Se o resultado dessa pesquisa for comparado com resultados apresentados por Jou & Sperb (1999), o percentual de crianças com queixas de aprendizagem que desempenharam a tarefa de crença falsa em ToM (55,5 %) é, consideravelmente menor que os dados apresentados por Jou & Sperb (1999) em crianças com faixa etária similar (86%).

Ainda que a amostra seja pequena e que seja necessário um teste em que se apresentem mais instâncias da tarefa para cada crianças, os presentes resultados sugerem fortemente que crianças de 6 anos com queixas de aprendizagem têm dificuldade em inferir a ação de um personagem a partir da atribuição de uma crença falsa ao mesmo.

Gráfico 42: Média de respostas corretas em tarefas de crenças falsas (máx score = 1)

